




EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: O PAPEL DOS EDUCADORES AKWË-XERENTE NA MEDIAÇÃO CULTURAL NO CONTEXTO ESCOLAR

 <https://doi.org/10.56238/levv16n46-009>

Data de submissão: 03/02/2025

Data de publicação: 03/03/2025

Leonardo Sampaio Baleeiro Santana

Mestre em Educação. Universidade Federal do Tocantins.
E-mail: leonardosbsantana@gmail.com

Neila Barbosa Osório

Pós-Doutora em Educação. Universidade Federal do Tocantins.
E-mail: neilaosorio@uft.edu.br

Juciley Silva Evangelista Freire

Doutora em Educação. Universidade Federal do Tocantins.
E-mail: jucy@uft.edu.br

Leticia Apoliana Ferreira Barbosa

Mestre em Educação. Universidade Federal do Tocantins.
E-mail: leticiabarbosa@prof.seduc.to.br

Leila Cardoso Machado

Mestre em Linguística Aplicada. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.
E-mail: leila.machado@uems.br

Samuel Marques Borges

Mestrando em Educação. Universidade Federal do Tocantins.
E-mail: samuelbiologo11@gmail.com

Luciano Paulo de Almeida Souza

Mestrando em Educação. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.
E-mail: lucianocoordenador26@gmail.com

Ana Érita Gomes dos Santos

Especialista em Orientação Educacional. Graduada em Pedagogia.
E-mail: anagomes@professor.to.gov.br

Nilton Nonato da Costa Gomes

Especialista em Gestão, Orientação e Supervisão; Secretária da Educação de Tocantínia.
E-mail: nilgomes2024@gmail.com

Mirelly Ferreira Barbosa

Especialista em Metodologia da Pesquisa. Centro Universitário UNIRG.
E-mail: mirelly.barbosa@professor.to.gov.br



Célia dos Santos Miranda

Especialista em Gestão Educacional. Universidade Católica de Brasília.
E-mail: celiamiranda28@gmail.com

Eva Lúcia Andrade da Silva

Especialista: Currículo e Prática Docente. Universidade Federal do Piauí.
E-mail: vidaminhaveda5@gmail.com

João Antônio da Silva Neto

Graduado em Psicologia. Universidade Federal do Tocantins.
E-mail: joaonetosat@gmail.com

André Luiz Martins de Castro

Graduado em Direito. Universidade Federal do Tocantins.
E-mail: andreilmcastro.adv@gmail.com

Lucas Alves Martins

Especialista em Educação Profissional. Universidade Federal do Tocantins.
E-mail: alves1998lucas@gmail.com

RESUMO

Este artigo aborda as práticas de mediação cultural desenvolvidas pelos educadores Akwê-Xerente no contexto escolar, enfatizando a valorização das tradições culturais e a construção de uma educação intercultural. Partindo de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, o estudo explora como as expressões artísticas e os saberes ancestrais, como cânticos, danças e rituais, são ressignificados no ambiente educacional, promovendo um aprendizado mais significativo e conectado à realidade local. A análise revelou que a escola, quando adaptada às especificidades culturais, assume um papel fundamental na preservação e revitalização da identidade cultural, ao mesmo tempo em que prepara os estudantes para os desafios de um mundo globalizado. O estudo discute os desafios enfrentados pelos educadores na implantação dessas práticas, destacando a tensão existente entre o currículo formal, muitas vezes alinhado a uma perspectiva eurocêntrica, e as demandas culturais da comunidade. Observa-se que, embora existam políticas públicas e iniciativas voltadas para a educação escolar indígena, como o Decreto nº 2.367/2005, ainda persistem lacunas relacionadas à formação inicial e continuada dos professores, bem como à estruturação de metodologias pedagógicas que dialoguem efetivamente com os saberes locais. Os resultados também apontam para o papel transformador das práticas artísticas e culturais, que não apenas reforçam os vínculos dos estudantes com sua comunidade, mas também enriquecem o processo pedagógico, tornando-o mais criativo, inclusivo e alinhado aos princípios da interculturalidade. Por meio dessas práticas, os educadores contribuem para a construção de uma educação que resiste ao apagamento cultural e promove a emancipação dos povos indígenas. Conclui-se que a educação escolar indígena não é apenas um espaço de aprendizado formal, mas também um território de resistência e inovação cultural, sendo o educador a ponte que conecta tradição e modernidade.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena. Mediação Cultural. Identidade Cultural.



1 INTRODUÇÃO

A educação escolar indígena no Brasil reflete uma história de transformações marcadas pela tentativa de imposição de valores eurocêntricos e pela resistência ativa dos povos originários em preservar suas culturas e tradições. Para o povo Akwẽ-Xerente, a escola não é apenas um espaço de ensino formal, mas também um lugar de luta pela valorização de sua identidade cultural. Essa dinâmica exige uma abordagem que vá além da mera transmissão de conteúdos, promovendo um diálogo entre o saber tradicional e as demandas do mundo contemporâneo. Nesse cenário, a figura do educador emerge como um mediador cultural, capaz de articular essas dimensões e transformar o ambiente escolar em um território de pertencimento e aprendizado significativo.

Historicamente, a educação formal no Brasil foi utilizada como ferramenta de assimilação cultural, desconsiderando os saberes locais e promovendo o apagamento de identidades. Contudo, a promulgação da Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 trouxeram avanços ao reconhecer o direito à educação diferenciada para os povos indígenas. Essas conquistas abriram caminhos para a construção de currículos que valorizam as especificidades culturais e linguísticas, proporcionando um modelo educativo que respeita as cosmovisões indígenas e promove a interculturalidade (Muniz, 2017).

No contexto Akwẽ-Xerente, as práticas artísticas e culturais, como os cânticos, danças e rituais, desempenham um papel central no fortalecimento da identidade dos estudantes e no enriquecimento do processo pedagógico. Ao integrar esses elementos ao ensino, os educadores criam uma ponte entre o passado e o presente, possibilitando que os jovens se conectem com suas raízes enquanto se preparam para os desafios contemporâneos. Essa abordagem evidencia a relevância de uma educação intercultural, onde o diálogo entre tradição e modernidade não apenas enriquece o aprendizado, mas também promove a preservação das culturas indígenas no cenário educacional brasileiro.

A relevância deste estudo está na necessidade de compreender e fortalecer o papel da educação escolar indígena como espaço de resistência e revitalização cultural. Investigar como os educadores Akwẽ-Xerente atuam como mediadores culturais permite não apenas lançar luz sobre suas práticas pedagógicas, mas também contribuir para o debate sobre políticas públicas e estratégias educativas mais inclusivas e contextualizadas. Ao ressignificar os saberes tradicionais no ambiente escolar, os educadores não apenas preservam a cultura local, mas também ampliam os horizontes de seus estudantes, conectando-os ao mundo globalizado sem perder suas raízes.

Este trabalho tem como objetivo analisar as práticas de mediação cultural realizadas pelos educadores Akwẽ-Xerente no contexto escolar, com ênfase na valorização das tradições culturais e na construção de uma educação intercultural. Para isso, adota-se uma abordagem qualitativa e bibliográfica, baseada em referências acadêmicas que discutem a educação indígena, a interculturalidade e a preservação dos saberes ancestrais. A pesquisa é guiada pela seguinte questão:

como os educadores Akwê-Xerente equilibram os saberes tradicionais de sua comunidade com as exigências do currículo formal, e quais os impactos dessas práticas para a valorização da identidade cultural e o aprendizado dos estudantes? A partir dessa investigação, busca-se oferecer subsídios para a construção de um modelo educacional mais inclusivo, inovador e alinhado às especificidades dos povos indígenas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 REFLEXOS CULTURAIS NA CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR

O debate em torno dos reflexos culturais na construção do currículo escolar das populações indígenas, especialmente do povo Akwê-Xerente, remonta ao processo histórico de escolarização no Brasil. Desde a colonização, as políticas educacionais foram marcadas por uma visão eurocêntrica, que buscava integrar os povos originários à cultura dominante, ignorando seus conhecimentos e práticas tradicionais. A escolarização, inicialmente promovida pelos missionários, era uma ferramenta de aculturação, distanciando as populações indígenas de sua identidade cultural (Muniz, 2017).

Essa lógica, que perdurou ao longo dos séculos, começou a ser questionada com maior intensidade nas últimas décadas do século XX. Movimentos indígenas, em articulação com pesquisadores e educadores, passaram a reivindicar um modelo de educação que respeitasse as especificidades culturais e linguísticas desses povos. Foi nesse contexto que a ideia de um currículo intercultural emergiu, com foco em incorporar elementos da cultura e da cosmovisão indígena como parte central do processo educacional (Souza et al., 2021).

No caso do povo Akwê-Xerente, a corrida das toras, os cânticos tradicionais e os rituais cerimoniais ilustram a profundidade de sua herança cultural. Essas práticas, que refletem não apenas valores espirituais, mas também princípios de coletividade e pertencimento, encontram barreiras no modelo tradicional de currículo. A implementação de um currículo intercultural tem buscado romper com essa barreira, promovendo uma valorização das práticas locais e conectando-as com o aprendizado formal (Xerente et al., 2020).

A Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, marcaram avanços significativos ao reconhecer o direito dos povos indígenas à educação diferenciada. Tais marcos legais abriram espaço para a elaboração de currículos específicos e para a formação de professores indígenas. No Tocantins, o Decreto nº 2.367/2005 regulamentou a educação escolar indígena, reforçando a necessidade de atender às demandas culturais e linguísticas das comunidades, como no caso dos Akwê-Xerente (Tocantins, 2005).

Apesar dos avanços legais, a prática curricular enfrenta desafios. O trabalho dos educadores Akwê-Xerente é fundamental na mediação cultural entre os conhecimentos tradicionais e o ensino formal.



“A mediação é então um ato de colocar em presença uma atualização. Presença entendida não certamente no sentido imediato, porém na representação do presente (simbolização). Ela procura tornar contemporâneo, trazer para o tempo do receptor aquilo que não está mais lá...” (Barbosa e Coutinho, 2009, p. 73).

Os educadores, muitas vezes formados em contextos onde o currículo ainda prioriza uma perspectiva conjunta, atuam como pontes para traduzir e adaptar os conteúdos escolares de forma que respeitem as tradições de seu povo (Arroyo, 2013).

No entanto, a valorização da cultura indígena no currículo escolar não se limita à inclusão de conteúdos tradicionais. A mediação cultural também envolve repensar metodologias e estratégias pedagógicas que dialoguem com a realidade dos alunos Akwẽ-Xerente. A arte-educação, por exemplo, tem se mostrado uma ferramenta poderosa para explorar temas identitários e culturais, permitindo que os estudantes se reconheçam no processo de aprendizagem (Barbosa; Coutinho, 2009).

A formação de professores indígenas no Tocantins reflete um esforço para construir uma educação realmente intercultural. A capacitação desses educadores tem sido direcionada não apenas para o domínio das disciplinas formais, mas também para o fortalecimento de sua identidade cultural e para a valorização dos saberes tradicionais. Essa formação é crucial para garantir que o currículo seja um espaço de diálogo e não de imposição cultural (Muniz, 2017).

Contudo, o currículo intercultural enfrenta tensões entre o moderno e o tradicional. Por um lado, há a necessidade de preparar os estudantes indígenas para enfrentar os desafios do mundo globalizado; por outro, há o compromisso de preservar suas raízes culturais. Essa dualidade exige um equilíbrio delicado, onde a escola se torna um espaço de negociação e construção coletiva (Souza et al., 2021).

As expressões artísticas, como o canto tradicional com o uso do maracá, destacam-se como elementos que transcendem o ensino de conteúdos específicos. Esses momentos permitem que os alunos não apenas aprendam, mas também vivenciem sua cultura, promovendo um sentimento de pertencimento e continuidade. Essa abordagem, ao valorizar o sensível e o simbólico, contribui para o fortalecimento da identidade cultural (Selbach, 2010).

A experiência da educação escolar indígena no Estado do Tocantins é um exemplo de como o currículo pode ser ressignificado para atender às especificidades culturais. Os desafios ainda são muitos, mas o papel dos educadores Akwẽ-Xerente, aliados às políticas públicas, é central para a consolidação de uma educação que respeite a diversidade e promova a inclusão (Xerente et al., 2019).

2.2 O EDUCADOR AKWÊ-XERENTE COMO PONTE CULTURAL: PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO NO ENSINO

Iniciamos este subtópico abordando sobre as imagens (1 e 2) que ilustram a corrida de toras, pois permite compreender como elementos da tradição cultural Akwê-Xerente e podem ser reinterpretados no contexto educativo como ferramentas pedagógicas e mediadoras entre o conhecimento tradicional e os saberes escolares.

Imagem 1. Dança ao redor das toras de corrida



Fonte: Curt Nimuendaju/Museu Nacional (1930)

A primeira imagem, datada de 1930, retrata uma dança ao redor das toras de corrida, capturada pelo pesquisador Curt Nimuendaju. Essa representação histórica não apenas documenta um aspecto da cultura Akwê-Xerente, mas também evidencia a centralidade das práticas coletivas como fundamento de sua organização social.

O gesto coletivo, simbolizado pela dança ao redor das toras (Imagem 1), reforça valores como cooperação, resiliência e pertencimento, que podem ser integrados no processo pedagógico como formas de aprendizado coletivo e fortalecimento comunitário (Barbosa; Coutinho, 2009).

Imagem 2. Corrida das Toras nos dias atuais



Fonte: Valci Sinã Xerente (2015)

Ao somar com a segunda imagem, capturada em 2015 por Sinã Xerente, percebe-se a continuidade dessa prática cultural no cotidiano contemporâneo. A corrida de toras, agora inserida em eventos comunitários e celebrações, ilustra como a tradição resiste e se adapta às mudanças sociais, preservando seu significado como ritual de fortalecimento identitário. No contexto educacional, essa prática pode ser utilizada como uma metáfora poderosa para abordar temas como esforço coletivo, superação e a importância da memória cultural na formação dos jovens. O educador Akwê-Xerente, ao inserir essas narrativas no ensino, não apenas valoriza a herança cultural, mas também promove um aprendizado contextualizado e significativo para os alunos (Xerente et al., 2020).

Essas imagens evidenciam a relevância do educador como mediador cultural, um papel que vai além da transmissão de conteúdos acadêmicos. Elas apontam para a necessidade de ressignificar práticas tradicionais, como a corrida de toras, para que sejam compreendidas como instrumentos pedagógicos e fontes de conhecimento aplicáveis ao contexto escolar. Por meio dessa abordagem, os educadores podem conectar o presente vivido pelos alunos às raízes históricas de sua cultura, promovendo um processo educativo que alia tradição e modernidade de forma integrada (Souza et al., 2021).

Ainda segundo Souza (2021), essa tradição e modernidade se torna evidente ao integrar elementos como rituais comunitários ao aprendizado, permitindo que os estudantes reconheçam sua identidade cultural enquanto desenvolvem habilidades contemporâneas. Essa atuação não é apenas pedagógica, mas também política, pois fortalece o senso de pertencimento e resistência cultural, elementos indispensáveis em contextos decoloniais.

Ao inserir práticas e símbolos tradicionais em situações de ensino, o educador ressignifica conteúdos e promove um aprendizado contextualizado e crítico. Essa mediação exige uma compreensão sensível das particularidades culturais e sociais dos estudantes, além de uma visão ampla sobre como esses aspectos podem enriquecer o currículo. Esse trabalho mediador é desafiador, pois busca equilibrar as demandas da escola formal com as expectativas e valores da comunidade local (Arroyo, 2013).

A formação específica desses profissionais reflete o reconhecimento da importância de integrar saberes diversos, rompendo com modelos homogêneos de ensino. Por meio dessa formação, esses agentes se tornam não apenas educadores, mas também guardiões de práticas culturais que encontram novos significados no ambiente escolar. Essa abordagem amplia o papel do ensino, que passa a ser tanto um espaço de aprendizagem quanto de preservação cultural (Muniz, 2017).

A prática docente vai além da reprodução de conteúdos, incorporando elementos simbólicos e metodologias que conectam experiências do cotidiano às aprendizagens escolares. O uso de narrativas tradicionais, atividades coletivas e expressões artísticas cria pontes que tornam o aprendizado

significativo, contribuindo para o fortalecimento das identidades individuais e coletivas no ambiente educacional (Barbosa; Coutinho, 2009).

Ao ressignificar elementos culturais no ensino, o educador promove não apenas a transmissão de conteúdos, mas também a formação de cidadãos críticos e conscientes de sua herança cultural. Isso permite que os estudantes desenvolvam uma compreensão ampliada sobre sua própria história, conectando-se tanto ao mundo globalizado quanto às tradições que os definem como povo (Xerente et al., 2020).

2.3 EXPRESSÕES ARTÍSTICAS E PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO AKWĒ-XERENTE

Na educação AkwĒ-Xerente, as manifestações artísticas, como os cânticos tradicionais, a dança e o uso do maracá, não são apenas elementos simbólicos, mas também ferramentas pedagógicas que conectam os estudantes às suas raízes culturais. Essas expressões não apenas promovem a transmissão de conhecimentos ancestrais, mas também fomentam um espaço de diálogo entre gerações, onde os mais jovens aprendem com os mais velhos em um processo de construção coletiva de saberes (Barbosa; Coutinho, 2009).

A inserção de práticas artísticas na educação não se limita à valorização da cultura tradicional. Ela também possibilita uma abordagem pedagógica que respeita os diferentes ritmos e modos de aprendizado dos estudantes. A música, por exemplo, pode ser utilizada para ensinar conceitos complexos, como matemática ou linguagens, de maneira lúdica e significativa. Ao entoar cânticos que envolvem sequências rítmicas, os alunos exercitam habilidades cognitivas, como a memorização e o raciocínio lógico, enquanto reforçam sua identidade cultural e pertencimento comunitário (Xerente et al., 2020).

Além disso, as expressões artísticas possibilitam uma reflexão crítica sobre a relação entre o tradicional e o moderno no contexto escolar. O uso de materiais tradicionais para criar artefatos, por exemplo, oferece uma oportunidade única para discutir temas como sustentabilidade, ancestralidade e a influência das transformações sociais na cultura local. Essas atividades permitem que os alunos compreendam as implicações da modernidade em seu território e, ao mesmo tempo, valorizem o legado cultural que carregam (Souza et al., 2021).

Imagem 3. Profª Elivanda Sibaka apresentou canto tradicional com o maracá



Fonte: agenciapalmas.com/noticia/241107 (2024)

A arte também ocupa um lugar de destaque na construção de um currículo intercultural. No caso Akwê-Xerente, elementos como a pintura corporal, os adornos cerimoniais e os grafismos tradicionais podem ser explorados como temas de estudo nas aulas de artes, ciências e história, promovendo uma abordagem transdisciplinar. Essa integração curricular, além de enriquecer o aprendizado, legitima as práticas culturais da comunidade dentro da escola, criando um ambiente em que a diversidade é celebrada e respeitada (Selbach, 2010).

O envolvimento com a música, o desenho e a dança não apenas estimulam a criatividade, mas também atua como uma forma de expressão emocional (Imagem 4).

Imagem 4. Atividade com as crianças Akwê-Xerente



Fonte: Valci Sinã Xerente (2015)

Para crianças e jovens em contextos de vulnerabilidade social, como é o caso de muitas comunidades indígenas, essas atividades podem se tornar uma poderosa ferramenta de enfrentamento, permitindo que canalizem suas experiências e desafios de maneira construtiva e significativa (Arroyo, 2013).

Imagem 5. Comemoração na entrega de uma nova escola.



Fonte: povosindigenasdobrasil.blogspot.com/2014/08/os-akwe-xerente.html (2018)

O educador, nesse contexto, torna-se um facilitador que promove essas expressões artísticas como um meio de aprendizado e desenvolvimento humano. Ele é responsável por criar espaços seguros e acolhedores onde os estudantes possam explorar sua criatividade e suas tradições sem medo de julgamento. Essa prática docente, além de pedagógica, é também política, pois resiste à invisibilização das culturas indígenas no sistema educacional brasileiro, reafirmando a importância da arte como linguagem universal e como instrumento de resistência cultural (Barbosa, 2002).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa apontam para a relevância dos educadores Akwê-Xerente na mediação cultural no contexto escolar, destacando como suas práticas pedagógicas contribuem para a valorização da identidade cultural e a construção de uma educação intercultural. A análise bibliográfica e contextual revelou que a inserção de elementos culturais, como os cânticos, danças e rituais tradicionais, promove não apenas o fortalecimento da identidade dos estudantes, mas também um processo de aprendizado mais significativo e contextualizado. Essa abordagem, ao conectar os saberes ancestrais com as exigências do currículo formal, representa uma resistência ativa ao modelo educacional homogeneizante historicamente imposto aos povos indígenas (Souza et al., 2021).

Os cânticos, por exemplo, são não apenas veículos de transmissão de conhecimentos históricos e espirituais, mas também estratégias de ensino que reforçam habilidades cognitivas, como

memorização e compreensão rítmica. O uso do maracá em atividades escolares exemplifica como um objeto tradicional pode adquirir novos significados no ambiente educacional, sendo ressignificado como instrumento de aprendizagem e vínculo cultural (Barbosa; Coutinho, 2009). Esses resultados mostram que o ambiente escolar, quando adaptado às especificidades culturais, pode se tornar um espaço de preservação e revitalização da cultura, ao mesmo tempo em que prepara os estudantes para os desafios do mundo contemporâneo (Xerente et al., 2020).

Um dos principais obstáculos identificados é a tensão entre as demandas do currículo oficial, que frequentemente reflete uma perspectiva eurocêntrica, e a necessidade de incorporar práticas e saberes indígenas no ensino. Essa tensão é agravada pela formação inicial de muitos professores indígenas, que ainda é moldada por um sistema que privilegia conteúdos desvinculados das realidades locais (Muniz, 2017). Apesar disso, o empenho dos educadores Akwê-Xerente em atuar como mediadores culturais demonstra como a formação continuada e o fortalecimento das políticas públicas específicas são essenciais para superar essas barreiras (Tocantins, 2005).

Os resultados também indicam que a integração das práticas culturais no ensino vai além da inclusão de conteúdos. Trata-se de transformar metodologias e estratégias pedagógicas para que estas reflitam os valores e a cosmovisão da comunidade. A dança, por exemplo, é utilizada não apenas como atividade física, mas como forma de explorar conceitos como coletividade, esforço conjunto e respeito aos ciclos da natureza. Esse tipo de abordagem demonstra como as práticas culturais não são apenas complementares ao currículo, mas constituem o próprio fundamento de um ensino intercultural de qualidade (Selbach, 2010).

No caso dos Akwê-Xerente, a escola não é apenas um espaço de aprendizado formal, mas também um território de afirmação identitária. Ao inserir elementos culturais no currículo, os educadores contribuem para que os estudantes se reconheçam como sujeitos ativos em sua comunidade, capazes de dialogar com o mundo moderno sem abrir mão de suas raízes. Essa dualidade, embora desafiadora, é essencial para a formação de indivíduos críticos e conscientes de sua herança cultural (Arroyo, 2013).

Ademais, a análise evidenciou como a arte-educação tem sido um eixo estruturante no fortalecimento da educação intercultural. A utilização de grafismos tradicionais, narrativas orais e outros elementos artísticos nas atividades pedagógicas amplia a percepção dos estudantes sobre a riqueza de sua cultura, promovendo um aprendizado mais sensível e conectado à sua realidade. Ao mesmo tempo, essas práticas desafiam a visão tradicional de educação como mera transmissão de conhecimento, mostrando que o aprendizado é um processo dinâmico e interativo, onde cultura e pedagogia se entrelaçam de forma inseparável (Barbosa, 2002).

A discussão também reforça a importância das políticas públicas voltadas para a educação indígena, como o Decreto nº 2.367/2005, que regulamenta a educação escolar indígena no Tocantins.

Essas políticas têm um papel fundamental ao garantir o direito a uma educação diferenciada e ao proporcionar os meios para que os educadores indígenas possam atuar de maneira mais efetiva. No entanto, sua implementação ainda enfrenta desafios, especialmente no que diz respeito à infraestrutura e à formação continuada dos professores (Tocantins, 2005). Esses aspectos demonstram que, embora avanços significativos tenham sido alcançados, ainda há muito a ser feito para consolidar um modelo educacional verdadeiramente intercultural.

4 CONCLUSÃO

Este estudo revelou que os educadores Akwê-Xerente desempenham os fundamentos que conectam os saberes ancestrais às exigências do currículo formal. Por meio de práticas pedagógicas que valorizam as expressões artísticas e culturais, como os cânticos tradicionais e os rituais coletivos, os educadores promovem um aprendizado significativo e a preservação da identidade cultural. Essas práticas não apenas fortalecem o vínculo dos estudantes com sua comunidade, mas também desafiam modelos educacionais homogêneos, demonstrando a importância de uma educação contextualizada e intercultural.

Apesar dos avanços, os desafios para consolidar uma educação indígena de qualidade permanecem significativos. A tensão entre o currículo oficial, de natureza muitas vezes eurocêntrica, e as práticas culturais locais evidencia a necessidade de políticas públicas mais robustas e de formação continuada para os educadores. A inclusão de elementos culturais no ensino exige esforços constantes de ressignificação, onde o papel do educador vai além da transmissão de conhecimentos formais, tornando-se um agente de transformação social e resistência cultural. Esse cenário demanda articulação entre as comunidades indígenas, os gestores educacionais e os formuladores de políticas, a fim de garantir o fortalecimento e a expansão de iniciativas interculturais.

Assim, a educação Akwê-Xerente, ao incorporar elementos tradicionais e artísticos, demonstra ser um modelo educacional com potencial para inspirar outras iniciativas voltadas à inclusão e à valorização da diversidade cultural no Brasil. Este estudo reforça a importância de aprofundar pesquisas que investiguem as práticas de mediação cultural em outras comunidades indígenas, além de analisar o impacto de políticas públicas na formação de professores e no fortalecimento das culturas locais. O compromisso com uma educação que respeite e valorize a pluralidade cultural é um passo essencial para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

4.1 PERSPECTIVAS PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS EDUCADORES INDÍGENAS

Para pesquisas futuras, sugere-se investigar o impacto da formação continuada na atuação dos educadores indígenas como mediadores culturais. Esse enfoque pode explorar como programas de



capacitação específicos, alinhados às demandas culturais e pedagógicas das comunidades, contribuem para fortalecer o ensino intercultural.

Seria relevante analisar a implementação de metodologias que promovam a integração entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais, bem como o papel da tecnologia no fortalecimento das práticas educacionais em contextos indígenas. Essas perspectivas podem oferecer subsídios para a formulação de políticas públicas mais eficazes e para o aprimoramento das práticas pedagógicas voltadas às realidades culturais específicas dos povos indígenas.



REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. (Coleção Arte e Educação).
- BARBOSA, A. M. *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte – São Paulo*: Cortez, 2002;
- CALI, J. *O que é Arte?* Brasília: Brasiliense, 1990;
- MUNIZ, S. de S. *Educação Escolar Indígena no Estado do Tocantins: uma trajetória histórica do curso de capacitação ao curso de formação do Magistério Indígena*. 144 f. Dissertação - Programa De Pós-Graduação Em Letras - PPGL: Ensino De Língua e Literatura da UFT, 2017, 144 p.
- SELBACH, S. *Arte e didática*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- SILVA, Reijane Pinheiro da. *Povos Indígenas do Tocantins: desafios contemporâneos*. Palmas: Nagô Editora, 2020.
- SOUZA, Raquel Castilho; ANDRADE, Karylleila dos Santos; REZENDE, Tânia Ferreira. *O currículo intercultural da escola indígena akwê do Tocantins em uma perspectiva decolonial*. *Debates em Educação*, [S. l.], v. 13, n. 32, p. 396–409, 2021. DOI: 10.28998/2175-6600.2021v13n32p396-409.
- TOCANTINS. DECRETO nº 2.367, de 14 de março de 2005. Conselho de Educação Escolar Indígena do Estado do Tocantins. Governador do Estado do Tocantins. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/diarios/5839211/pg-2-diario-oficial-do-estado-do-tocantins-doeto-de-15-03-2005?ref=previous_button.
- TOURINHO, Irene. *Transformações no ensino de arte: algumas questões para uma reflexão conjunta*. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino de arte*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- XERENTE, E. S. C. et al. *Kri Rowahtuze: a escola*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2019.
- XERENTE, E. S. C. et al. *WDÊ NNÂKRTA HAWIMHÃ ROKMÃDKÃ MNÔ – Cultura e Arte Akwe-Xerente*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2020.